

Ter Dinheiro é um Dever

26.12.65

Rubem Braga

MAS, como eu ia dizendo ontem, estou achando os srs. Mareio Melo Franco Alves e Francisco Negrão de Lima, muito conformados com o miserê em que a administração passada deixou o tesouro estadual. Eles mostram ao povo as mãos e os bolsos vazios: não temos nada, não podemos pagar a ninguém, não vamos fazer nada porque não temos dinheiro para coisa alguma.

Os empreiteiros anunciam que vão parar as obras, deixando os operários na miséria e a cidade enguiçada. O governo, muita. É possível que alguns desses empreiteiros enfrentem dificuldades, que procurem imediatamente passar para às costas dos operários e da coletividade. Não nos esqueçamos, entretanto, de que muitos deles ganharam imensas fortunas sob a administração Lacerda; seria mais do que razoável de que tivessem um pouco de paciência agora, quando a administração esta pobre exatamente porque o governo passado esvaziou os cofres do Estado. E o governo nada faz, nem diz, diante dessa ameaça insolente de greve geral.

Não é segredo para ninguém, que, depois da farrá financeira da campanha eleitoral, a mais cara e espalhafatosa de que jamais se teve notícia, a palavra de ordem do governo Lacerda, antes de entregar o poder foi — terra arrasada. Sei até do caso do responsável por um certo setor que ficou mal visto porque, honestamente, negou-se a obedecer a essa ordem e fez questão de entregar ao seu sucessor uma organização em estado normal. Fêz-se tudo para impedir a posse dos eleitos; chorou-se, bramiu-se, ameaçou-se, conspirou-se — principalmente se conspirou. O Brasil ia acabar se o sr. Negrão fosse para o Guanabara. O cel. Borges, cercado de frementes senhoras, tirou aquela placa sacrossanta da parede de uma escola porque os olhos do Maldito não podiam olhar aquêle diploma dos heróis da mais terrível luta armada que não houve no Rio de Janeiro; e enquanto o cel. Borges tirava a placa os outros raspavam todo o dinheiro das secretarias e autarquias. Afinal a Vila Militar decidiu que sua função histórica não era entregar o poder a quem tinha perdido a eleição. O telefonema, anunciando o golpe, não chegou ao retiro do Bangu. E no fim de tudo, só restou um consólo: «eles assumem, mas não podem governar porque não lhes deixaremos um tostão».

Ora, o sr. Negrão de Lima está-se comportando exatamente como seus adversários adorariam que ele se comportasse: chora, chora e chorando fica. Claro que está procurando arrumar dinheiro, com o governo federal ou alhures. Mas no lugar de pedinehar em voz baixa, o que me parece que ele deveria fazer era denunciar claramente o crime praticado contra o povo deste Estado por aqueles que esse povo repudiou nas urnas. A Guanabara é um Estado rico e não pode ficar parado, em situação de penúria; pode e deve apelar para o crédito, e deve fazê-lo em voz alta, não apenas diante das autoridades federais, como dos bancos particulares. Assim pelo menos ficaremos sabendo quem é e quem não é amigo do povo deste Estado; quais são os que fizeram altos negócios com a administração passada e agora se omitem, se encolhem, se furtam a socorrer os funcionários, os operários, o povo, o Estado.

Quem pede para o povo não choraminga, exige. E pode exigir porque todas essas fortunas são fruto exatamente do trabalho desse povo. Para que servem esses fabulosos bancos particulares que vivem a alardear o montante de seus depósitos e o espírito público de seus dirigentes? Por que não fazer desde logo uma lista dos empreiteiros que forem mesmo a greve, para tratá-los como merecem, depois?

Que o sr. Negrão de Lima se capacite que a hora não é de chorar a falta de dinheiro, mas de arranjar dinheiro, de arrancar dinheiro; este é seu dever, diante do povo, e se as autoridades federais e os grupos econômicos poderosos do Estado se negarem a ajudá-lo, não será com lágrimas nem com humildade que ele poderá convencê-los.

26.12.65